



UM
 PRESENTE
 DA TIFFANY
 MELISSA HILL



UM
PRESENTE
DA TIFFANY
MELISSA HILL

TRADUÇÃO DE VERA WHATELY



Copyright © Melissa Hill, 2011

TÍTULO ORIGINAL

Something from Tiffany's

PREPARAÇÃO

Julia Sobral Campos

Luiz Felipe Fonseca

REVISÃO

Érika Nogueira

Juliana Werneck

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA E ILUSTRAÇÕES

Aline Ribeiro

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H545p

Hill, Melissa

Um presente da Tiffany / Melissa Hill ; tradução Vera Whatley. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

336 p. ; 23 cm.

Tradução de: Something from Tiffany's

ISBN 978-85-8057-871-3

1. Romance irlandês. I. Whatley, Vera. II. Título.

15-28561

CDD: 828.99153

CDU: 811.111(415)-3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro - RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Dedicado com muito amor
à minha linda filhinha, Carrie.

AGRADECIMENTOS

Muitas coisas maravilhosas aconteceram durante o período em que escrevi este livro, em especial a chegada da minha bebê, Carrie. Meus agradecimentos a ela por proporcionar um começo tão tranquilo para seus pais inexperientes, com um mínimo de interrupções enquanto eu terminava esta história.

Obrigada e muito amor para Kevin, que manteve com habilidade o equilíbrio de nossa vida ao longo daquele que provavelmente foi o ano mais conturbado que já tivemos.

Agradeço imensamente ao Dr. Dockeray e à maravilhosa equipe do Hospital Mount Carmel, que propiciaram um excelente início à minha vida familiar e tornaram nossos primeiros dias com Carrie tão especiais.

Aos meus fantásticos pais, irmãs e à família do meu marido, que estão sempre prontos a nos estender a mão, espero que saibam o quanto isso significa para mim, muito obrigada.

Um profundo agradecimento à minha superagente e grande amiga, Sheila Crowley, capaz de verdadeiros milagres. Melhor, impossível. Devo muito a você.

À minha incrível editora Isobel Akenhead, meu muito obrigada. Trabalhar com você é uma alegria, e suas contribuições enriquecem muito minhas histórias.

Para Breda, Jim, Ruth e todos da Hachette Ireland, meus agradecimentos por terem trabalhado tanto por mim.

A todos que compram e leem meus livros, e que mandaram mensagens tão lindas para meu site (www.melissahill.info). Adoro ler o que vocês escrevem e aprecio cada mensagem.

Mais uma vez agradeço aos livreiros de todo o mundo que dão um apoio fantástico aos meus livros, o que eu tanto estimo.

Finalmente, agradecimentos maciços à brilhante editora Hodder pela ótima parceria de trabalho, além da inspiração para este livro ao me introduzirem às maravilhas de uma certa caixinha azul...

CAPÍTULO I

A importância do que Ethan Greene estava prestes a fazer era bem clara para ele. Era um grande momento na sua vida, como seria na vida de qualquer homem, ele pensou.

Mas enquanto abria caminho pela multidão de Manhattan naquele que provavelmente era o dia mais movimentado do ano, desejou ter escolhido uma ocasião melhor.

Véspera de Natal na Quinta Avenida? Devia estar maluco.

Ao respirar profundamente o ar frio — que estava revigorante, e não abafado como costuma ser o de Londres —, não pôde deixar de pensar que a cidade mudara pouco desde a última vez em que estivera ali, mas, ao mesmo tempo, havia mudado bastante.

Ao chegar em Nova York dois dias antes, ficara surpreso por se lembrar tão bem dos pontos de referência e pela facilidade com que se orientava na cidade. O empurra-empurra no metrô durante o percurso de Midtown para Downtown e de volta para Midtown, o cheiro dos forros de vinil dos bancos desgastados dos táxis e o zumbido incessante de um bilhão de sons — de pessoas e de objetos — o encorajaram. O burburinho inconfundível daquele lugar trouxera-lhe um novo impulso, algo que não sentia havia anos.

Mas agora Ethan estava com pressa e plenamente consciente de que os minutos corriam, e a multidão parecia aumentar cada vez mais. Não havia tempo a perder.

Daisy, ao seu lado, segurou sua mão com um pouco mais de força por um breve momento, como se estivesse lendo os pensamentos dele, mas não era possível que soubesse quais planos Ethan tinha em mente. Ele dissera apenas que precisava fazer mais uma parada antes de voltar para

o calor confortável do hotel. Como sabia que ele detestava multidões (e fazer compras também, aliás), ela provavelmente estava tentando deixá-lo à vontade.

Como ela reagiria? A ideia estava no ar havia algum tempo e fora mencionada mais de uma vez recentemente, então era de se esperar que não causasse muita surpresa. Embora Daisy parecesse entusiasmada, Ethan começou a achar que deveria ter conversado com ela sobre o que pretendia fazer — não era do seu feitio não discutir as coisas em detalhes —, mas a verdade é que ele estava nervoso. E se a reação dela não fosse tão positiva quanto ele achava que seria? Ao pensar nisso, sentiu um nó de ansiedade na garganta. Bom, descobriria em breve, quando chegassem ao destino.

Daisy está especialmente bonita hoje, pensou ele, envolta em várias camadas de roupa para afastar aquele frio de bater o queixo, com os cachos louros escapulindo de um chapéu de lã escura e o nariz corado aparecendo acima de um cachecol preto bordado. Apesar do frio, ela estava adorando Nova York, conforme ele previra, e todos sabiam que o Natal era a melhor época para se visitar a cidade que nunca dorme. Sim, foi uma boa ideia, tranquilizava-se Ethan. Daria tudo certo.

Finalmente, após trafegar por aquele mar de gente que fazia compras de última hora, chegaram na esquina da Quinta Avenida com a rua Cinquenta e Sete. Ethan olhou para Daisy, cujos olhos se arregalaram de surpresa quando ele a conduziu pela mão na direção da entrada.

— O que está acontecendo? — perguntou ela ao ver o famoso logotipo ao lado da porta, com as letras elegantes sobre o granito polido, agora circundado por viçosos galhos de pinheiro decorativos para o período natalino. — O que estamos fazendo *aqui*?

— Eu te disse, preciso buscar uma coisa — respondeu Ethan, seguindo na frente e piscando para ela quando a porta giratória os deixou nos consagrados salões da Tiffany & Co.

Daisy ficou imediatamente encantada com o setor de vendas no andar térreo, sem colunas e com pé-direito alto, e ficou pasma com as longas fileiras de mostruários com tampo de vidro nos quais estavam as preciosas mercadorias, que brilhavam de forma sedutora sob os pontos de iluminação.

— Uau, é tudo tão lindo! — sussurrou em êxtase no meio do corredor enquanto multidões de clientes e turistas passavam à sua volta do mesmo modo encantados com as vitrines de joias de tirar o fôlego.

A loja era uma das poucas de Manhattan que não utilizavam enfeites comemorativos em excesso; seus artigos reluzentes não precisavam ser muito embelezados, e o inconfundível encanto romântico da Tiffany era mais que o bastante para criar aquela sensação mágica do Natal.

— Não é? — concordou Ethan, cujo nervosismo se dissipava um pouco agora que estavam ali.

Segurando-a pelo braço, guiou-a entre os vários mostruários em direção aos elevadores no final do salão, os pés temporariamente aliviados do cansaço ao pisar no carpete macio.

— Aonde estamos indo? — perguntou ela, seguindo-o com relutância. — Vamos um pouco mais devagar! Não podemos dar uma olhada? Eu nunca estive aqui e... Aonde estamos indo? — repetiu, intrigada quando as portas do elevador se abriram.

— Segundo andar, por favor — disse Ethan.

— Pois não, senhor — respondeu o ascensorista e inclinou a cartola, em sinal de aquiescência, e sorriu para Daisy. — Madame.

— Mas... por que estamos indo lá? — perguntou ela baixinho, e Ethan deduziu que ela lera o que havia naquele andar específico na placa no elevador.

Com certeza o local a arrebatou, mas por mais encantada que tivesse ficado com o andar de baixo, Ethan sabia que ela ficaria realmente impressionada com o segundo andar.

O coração dele começou a martelar no peito assim que as portas do elevador se fecharam. Será que ela gostaria? Provavelmente seria melhor ter perguntado de uma vez, mas ele achou que Daisy apreciaria a surpresa, e ao mesmo tempo considerava importante que ela sentisse que tivera uma boa dose de participação.

— Como eu disse, preciso buscar uma coisa — disse Ethan em tom suave.

— Você não... — sussurrou Daisy, olhando de queixo caído para ele, compreendendo imediatamente.

Pela expressão dela, Ethan não conseguiu avaliar bem qual seria sua reação e concluiu que a presença do ascensorista a impedira de fazer mais perguntas.

Poucos segundos depois, as portas do elevador voltaram a se abrir, e os dois saíram para uma sala revestida de painéis de madeira, o famoso Salão dos Diamantes da Tiffany, onde ele ia buscar sua compra.

— Não consigo acreditar! — disse ela ao aproximar-se de um dos mostruários hexagonais de madeira e vidro.

Virava a cabeça da direita para a esquerda, olhando para os vários casais felizes ao redor, tomando champanhe durante o que poderia ser considerada a compra mais importante das suas vidas.

— Eu realmente não posso acreditar! Foi *isso* que você veio buscar? — perguntou ela.

Ethan sorriu, nervoso.

— Eu sei que devia ter dito alguma coisa, mas...

— Ah, Sr. Greene. — Um distinto vendedor idoso surgiu antes que Ethan e sua acompanhante pudessem dizer qualquer coisa. — Muito prazer em vê-lo de novo. Tudo está conforme o planejado, pronto para o senhor levar. Não tínhamos certeza, e eu esqueci de perguntar ao telefone, se o senhor gostaria que sua compra fosse embrulhada para presente ou se queria primeiro mostrar para a senhorita... — disse e sorriu para Daisy, que abriu um grande sorriso, os olhos arregalados.

— Ah, sim, eu quero ver, por favor! — exclamou a menina, levando então uma mão culpada à boca, consciente de que deveria mostrar um pouco mais de decoro, sobretudo em um lugar como aquele.

Ethan conteve um sorriso.

— Aqui está — disse o senhor, em voz baixa e gentil, mostrando-lhes a caixinha azul famosa no mundo inteiro.

Colocando-a cerimoniosamente sobre o mostruário de vidro em frente à Daisy, levantou a tampa para exibir o solitário de corte marquise encastado em platina, que Ethan escolhera dois dias antes.

O anel teve de ser ajustado, por isso Ethan só pôde buscá-lo naquele dia, e ao examiná-lo de novo teve certeza de que fizera uma boa escolha. Era um anel clássico da Tiffany: o diamante erguido um pouco acima do aro, fixado por seis pinos de platina para realçar o brilho da pedra.

— Então, o que você acha? — perguntou ele a Daisy, embora obviamente ela estivesse maravilhada com o lindo anel.

Mas não era bem essa a pergunta de Ethan.

Quando Daisy se virou para ele, sua expressão encantada lhe disse tudo que ele precisava saber.

— É a escolha perfeita, papai — tranquilizou-o sua filha de oito anos —, e a Vanessa vai *amar!*

Graças a Deus a reação dela fora positiva.

Durante todo o dia — ou melhor, todo *o mês* — Ethan esteve preocupado com o que Daisy acharia daquilo. Especialmente porque aquela viagem para Nova York tinha um significado especial para ambos.

Mais cedo naquele dia, enquanto os dois tomavam uma xícara de chocolate quente em um café em Midtown, Ethan vira a filha cutucar um cupcake de limão com cobertura de glacê e soube que algo a preocupava. Como sua mãe sempre fizera, Daisy semicerrava os olhos e deslocava ligeiramente o maxilar para o lado quando se perdia em pensamentos.

— Você gostou da Times Square? — perguntou, sondando-a. — Gostou de todas aquelas luzes?

— É tudo tão lindo — respondeu Daisy, fazendo uma pausa para olhar o movimento da rua pela janela. — Mamãe dizia que Manhattan é como uma grande árvore de Natal nesta época do ano. Ela estava certa.

— Você lembra como sua mãe falava sobre isso, não é mesmo? — perguntou Ethan.

Ela abriu um pequeno sorriso.

— Sei que eu era pequena, mas adorava quando a mamãe contava essas coisas.

Ethan confirmou com um gesto de cabeça.

— É claro que ela estava certa quando disse que a cidade parece uma grande árvore de Natal. Sua mãe tinha razão sobre muitas coisas.

De repente, o significado de estar sentado com sua filha na cidade que a mãe dela tanto adorava invadiu Ethan e quase o fez perder o fôlego. Engoliu em seco, tentando retomar sua linha de pensamento.

— Sabe outra coisa sobre a qual sua mãe tinha razão? — acrescentou Ethan, e Daisy olhou-o com atenção, como sempre fazia quando ele falava sobre a mãe.

Ethan já reparara que sua filha ficava mais atenta quando ele oferecia uma peça do quebra-cabeça, cujas partes deviam parecer muito dispersas para ela; para ele, era como se a filha fosse uma espécie de arquivista, juntando e montando peças de um grande legado, colocando tudo em ordem.

— Sua mãe tinha razão quando disse que você se tornaria uma menina linda e brilhante — prosseguiu Ethan, com um sorriso.

Daisy sorriu e se virou novamente para a janela para olhar os transeuntes na movimentada Quinta Avenida na véspera do Natal.

Fazia nove anos desde a primeira e única ida de Ethan a Nova York. Jane, a mãe de Daisy, convencera-o a visitar a cidade. E então, partiram de seu lar em Londres, para conhecer Nova York.

Jane nascera e crescera em Nova York, e simplesmente não ia aguentar outra primavera “sem vaguear pelo Central Park durante a mudança da folhagem”. Às vezes de repente ela dizia coisas dramáticas como essa, ao que Ethan reagia perguntando se por acaso seria ela, e não ele, o professor de língua inglesa. “Não, professor”, ela dizia dando uma piscadela. “Aqui, o acadêmico criativo é você, e eu sou só uma romântica nata.”

Na época, os pais de Jane tinham se aposentado e se mudado para a Flórida, por isso ela não ia mais à sua cidade natal com a frequência que gostaria.

Daisy tinha sido concebida durante aquela visita à Big Apple. A brincadeira entre Jane e Ethan — a qual ela não via problema algum em contar para os amigos e a família — era que Daisy existia porque eles tinham levado ao pé da letra a expressão “cidade que nunca dorme”.

Como personal trainer e nutricionista, Jane fazia o possível para manter Ethan na mais perfeita forma, fato que se tornou ainda mais irônico quando ela desenvolveu câncer de ovário e descobriu que, a não ser que a quimioterapia operasse um milagre, poucos meses de vida lhe restavam.

Daisy tinha cinco anos na época. Jane e Ethan eram loucos um pelo outro, mas não haviam chegado a se casar, e ele quisera mudar isso, principalmente após serem informados sobre a doença dela.

— Não seja ridículo, querido. Nós fomos muito felizes até agora, por que mudar as coisas? — insistiu Jane. — Além do mais — falou brincando —, em breve eu não terei cabelo o bastante para usar um véu!

Àquela altura, Ethan realizaria tudo o que ela desejasse, e Jane fez vários pedidos finais.

Um deles era que ele levasse Daisy para conhecer Nova York no Natal, quando ela fosse grande o suficiente para apreciar a cidade e se divertir. Passava horas contando para a filha histórias sobre a magia de Manhattan e os Natais que passara lá durante a infância.

Alguns meses antes, quando a própria Daisy começara a falar em fazer essa viagem, Ethan viu que chegara a hora.

Certa noite, durante o jantar, ele tocou no assunto com a namorada, Vanessa, que ele esperava que se entusiasmasse em se juntar a eles. Embora soubesse que a viagem à Nova York tinha um significado particular para ele e Daisy,

por sua associação com Jane, achou que seria importante incluir Vanessa. O relacionamento dos dois se intensificara nos últimos seis meses, e talvez, só talvez, estivessem destinados a viajarem os três juntos a Nova York.

Quem sabe essa viagem fosse um rito de passagem rumo ao próximo estágio da vida dele e de Daisy? Fazia três anos da morte de Jane, e Ethan tinha certeza de que ela lhes daria sua bênção, pois um dos seus últimos desejos era que ele não ficasse sozinho.

“Encontre uma mulher que faça pão para você”, ela dissera rindo, e Ethan sabia que era uma referência a uma velha piada sobre os hábitos alimentares deles. Devido à obsessão de Jane por uma alimentação saudável, eles raramente comiam alimentos ricos em amido e refinados, como pão ou batatas, coisa difícil para ele, fã de carboidratos. E, no final, pouco importou o que eles comeram, o câncer a levou embora mesmo assim.

Mas Ethan sabia também que havia um elemento metafórico naquela observação, e embora na época não conseguisse tolerar a ideia de seguir em frente com outra pessoa, à medida que os anos passavam essa sensação se esvaiu. Uma mulher para fazer seu pão? Ele não tinha certeza se essa descrição cabia à Vanessa, mas sabia que a amava e intuía que ela seria o modelo perfeito de mulher para sua filha, que amadurecia rapidamente.

E quando sugeriu que os três passassem juntos o Natal em Nova York, Vanessa adorou a ideia. Conhecia bem a cidade, pois ia sempre a Manhattan a trabalho ou para visitar amigos.

— Você acha que a mamãe teria orgulho de mim? — perguntou Daisy, trazendo Ethan de volta ao presente.

Olhou para ela e inclinou a cabeça, curioso.

— Ela dizia que tinha orgulho de mim toda vez que eu era corajosa e tentava alguma coisa nova — continuou a menina. — Daí agora eu estou aqui na cidade favorita dela, tentando uma coisa nova.

— Posso garantir que sim, florzinha — disse Ethan em voz baixa, seus olhos azuis lacrimejando um pouco.

Ao olhar as horas, percebeu que já estava tarde. Pensou em Vanessa e lembrou-se de que ela logo voltaria da casa dos amigos que fora visitar, mas ele, como mandava o figurino, ainda tinha de fazer uma compra muito importante.

Uma verdadeira loucura, pensou. Tudo no último minuto. Daisy estava cansada e concentrada na mãe, mas eles eram esperados na loja.

Continuou a remoer se devia terminar o que se propusera a fazer ou voltar para o conforto do seu quarto no Plaza Hotel. O contentamento que o dominara nos últimos dias começou a arrefecer, e ele passou a se sentir inquieto. Controle-se, disse a si mesmo.

— Você sabe quem mais tem orgulho de você? — perguntou a Daisy.

— Sei — respondeu ela sem hesitar, antes de terminar o último gole do seu chocolate quente. — Você. E Vanessa também. Ela me disse isso no avião.

Ethan sorriu. Era tudo o que precisava ouvir.

Agora, enquanto ele e Daisy esperavam o vendedor da Tiffany embrulhar para presente a aquisição, sentiu-se aliviado, pois tudo parecia estar dando certo. É claro que ainda havia a pequena questão da reação de Vanessa, mas ele estava bastante certo de que sabia qual seria.

Ao anel, pelo menos.

Tinha aprendido com Jane, que costumava se inflar em lirismo ao falar sobre a Tiffany, que a famosa caixinha azul-turquesa era quase o símbolo de um verdadeiro romance de conto de fadas ao estilo nova-iorquino. Segundo ela, nenhuma mulher no mundo podia resistir àquilo: à loja e a suas joias que encantavam os sonhos de milhões de pessoas.

Presentes da Tiffany sempre deixaram Jane de pernas bambas, e o maior arrependimento de Ethan era não ter tido a chance de lhe dar um dos seus famosos anéis de diamante.

Ethan esperava que Vanessa apreciasse o anel na mesma medida, e estava confiante de que seria assim, devido a seu apreço pelo requinte. A dedicação ao trabalho lhe permitia ter tudo do bom e do melhor, e, para Ethan, o melhor era exatamente o que ela merecia.

Ao pensar no preço do anel, ele engoliu em seco, agradecendo mais uma vez à alta das ações na bolsa de valores alguns meses antes. A carteira de ações fora um presente do seu pai, e só devido a essa sorte inesperada Ethan pôde gastar tanto com um anel de diamante, e com a suíte do Plaza Hotel.

— Preferem nossa fita branca clássica para a caixinha ou algo mais festivo em comemoração ao Natal? — perguntou o vendedor. — Talvez uma fita vermelha?

— Daisy? — Ethan recorreu à filha para que ela decidisse.

Daisy pensou um instante.

— A fita branca com certeza — disse ela.

— Ah, no clássico estilo da Tiffany — concordou o vendedor, com um sorriso. — Bom gosto, mocinha.

Daisy sorriu de novo e olhou do vendedor para o pai.

— Minha mãe costumava me falar desta loja — disse, num tom tímido. — Dizia que a Tiffany era um lugar muito especial, cheio de magia e romance.

O vendedor olhou para Ethan e sorriu, reconhecendo que Daisy estava na idade em que aquelas fantasias eram importantes.

— A mãe de Daisy não está mais entre nós, mas era uma entusiasta da Tiffany — explicou Ethan.

Sabia que Jane sem dúvida teria falado com empolgação para Daisy sobre a loja ao contar suas muitas histórias a respeito de Nova York. O amor da sua vida tivera uma alma romântica e acreditava em coisas fantásticas, como destino e mistérios do universo.

Tais crenças não lhe serviram de nada, pensou Ethan, mas ultimamente estavam ressurgindo em Daisy. Claro, ela era uma menina de oito anos, com pôsteres de princesas e unicórnios nas paredes do quarto, então ele supunha que aquelas ideias fossem normais.

De qualquer forma, Ethan sentiu-se aliviado ao descobrir esse lado mais imaginativo da filha; desde a perda precoce da mãe, ela às vezes se mostrava solene e nervosa, propensa a se preocupar com as mínimas coisas.

— Ah! — disse o homem, meneando a cabeça para demonstrar que havia entendido, e então se agachou até ficar da altura de Daisy. — Sim, este lugar é especial, e como você pode ver, há muito romance aqui agora mesmo — disse, apontando para os outros clientes, todos encerrados nas próprias bolhas de sonhos. — E eu mesmo tive alguns momentos mágicos desde que comecei a trabalhar aqui. Como, por exemplo, conhecer você hoje, senhorrta — falou com uma piscadela, fazendo Daisy corar alegremente.

Ethan olhou para os dois, e seu coração encheu-se de alegria com o sorriso da filha.

Quando o importantíssimo embrulho foi colocado com cuidado em uma bolsinha azul-turquesa e o vendedor entregou-a para Ethan, Daisy adiantou-se e pegou as alças macias da mão do homem.

— Posso levar? — perguntou ela, olhando para a sacola como se houvesse ali uma coisa rara e preciosa.

E realmente havia.

— É claro que pode — respondeu Ethan.

Ele estava radiante quando guardou no bolso do casaco a documentação que acompanhava a joia. Não podia ter esperado uma reação melhor, e teve certeza de que ele, Vanessa e Daisy estarem juntos em Nova York era o primeiro passo da maravilhosa jornada que os três tinham à sua frente.

De mãos dadas com a filha, desejou ao vendedor da Tiffany um feliz Natal, e saíram para a rua e juntaram-se ao burburinho da Quinta Avenida.

É véspera de Natal em Nova York e, na emblemática loja Tiffany da Quinta Avenida, dois homens estão à procura de um presente para as mulheres que amam.

Gary escolhe uma pulseira para a namorada, Rachel. Em parte como agradecimento por ela ter pagado pela viagem de seus sonhos — passar o fim de ano em Nova York —, mas principalmente porque deixou a compra para a última hora.

Ethan, por sua vez, está em busca de algo especial para Vanessa, a mulher com quem pretende reconstruir a vida. Viúvo e com uma filha de oito anos, ele sabe que encontrará o anel de noivado perfeito na loja perfeita.

Um acidente, porém, faz as sacolas serem trocadas, e Rachel acaba ganhando o anel que deveria ser de Vanessa. Ethan tenta reaver o que comprou, mas descobre que isso não vai ser nada fácil. Será que o destino tem outros planos para os casais? Ou é simplesmente um pouco da mágica da Tiffany no ar?

"UMA HISTÓRIA DOCE E SENSÍVEL SOBRE AS REVIRAVOLTAS DO DESTINO."

BOOKLIST

"UM BELO E DELICADO ROMANCE EMBALADO
EM UMA LINDA CAIXINHA AZUL."

KIRKUS REVIEWS

